



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 46

## Mexer no vespeiro

**Branca Vianna:** Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem vespa em tudo quanto é canto do planeta. Quer dizer: menos na Antártida. Mas, do jeito que o aquecimento global tá indo, é capaz das vespas chegarem lá logo mais.

E essa quase onipresença das vespas tem uma consequência linguística. Se tem uma frase que é praticamente universal, é: mexer no vespeiro.

Você pode ver lá: em mandarim, finlandês, espanhol, inglês... Quer dizer, não vou dizer que são todas as línguas, mas em muita língua, “vespeiro” significa não só um ninho de vespas literal, mas “um problema no qual você não quer se meter”. Um negócio polêmico. O tipo de coisa que se você puser a mão, você vai sair picada.

Tem gente que mexe no vespeiro sem querer. Que só estava ali querendo tirar uma teia de aranha do canto do beiral, acabou dando uma vassourada no ninho, e teve que sair correndo pra salvar o próprio couro.

Mas também tem gente que encara o vespeiro de frente e vai lá mesmo assim. Consciente do que vai rolar. E mais ou menos preparado pra sofrer as consequências.

No episódio de hoje, a gente tem duas histórias sobre mexer no vespeiro. A primeira quem conta é a Paula Scarpin.

---

## ATO 1

**Paula Scarpin:** Em 2019, a Uber lançou um recurso nas corridas mais caras – tipo Uber Black, Uber Comfort – que era o "modo silencioso". Se você ativasse isso, o motorista ia receber uma notificação de que você não queria papo durante a viagem.

Sei lá, aposto que alguém deve ter uma boa razão pra entrar mudo e sair calado do Uber – e nem querer se dar ao trabalho de dizer isso pro motorista, tipo: "Amigo, hoje eu tô meio pra baixo, tô precisando ficar na minha...", ou, sei lá, "Moço, vou precisar dar uma concentrada aqui no trabalho no caminho, beleza?" Sei lá, deve ter alguma boa razão.

Mas eu lembro de achar estranhíssimo. Primeiro, porque parece mais uma apertada no parafuso da desumanização do trabalhador que tá ali, né? Mas eu estranhei também porque eu sou uma grande entusiasta das conversas aleatórias. E recentemente eu conheci um cara que também é do time dos puxadores de papo com os motoristas de Uber.

**Rafael Zanatta:** "E aí, que você faz? Tal... Como é que é tua vida?"

**Paula Scarpin:** O nome dele é Rafael Zanatta. E, além de conversador, ele é ativista...

**Rafael Zanatta:** Eu sou ativista em direitos digitais, advogado, trabalho com direitos digitais tem uns dez anos. Passei por algumas instituições de pesquisa, trabalhei na FGV, InternetLab, Idec e aí fundei uma ONG que

chama Data Privacy Brasil, que é focada em direitos digitais e produção de dados com justiça social.

**Paula Scarpin:** Quando o Rafael ainda estava trabalhando na InternetLab, ele fez parte de um projeto que envolvia motoristas de Uber.

Então ele aproveitava qualquer corrida pra fazer pesquisa de campo. O projeto acabou, mas o Rafael nunca perdeu o hábito de puxar papo com os motoristas.

**Rafael Zanatta:** Ficar conversando com motoristas para ver como é que eles percebem os conflitos, como é que eles entendem. Então, desde essa época eu conversei muito com o motorista para, enfim, ficar proseando e sabendo o que eles entendem de política, sociedade, etc.

**Paula Scarpin:** Sentir a sociedade, é um termômetro.

**Rafael Zanatta:** Exato, porque é um público muito diverso e completamente diferente da classe de taxistas. No Uber você tá ali pegando gente que é programador, um cara que já foi empresário, uma pessoa que tem um salão de beleza, é muito diverso mesmo, difícil categorizar.

**Paula Scarpin:** Tem gente que também tem um trabalho e faz o Uber no resto do tempo.

**Rafael Zanatta:** Total. Sim, já peguei muita corrida com gente dirigindo para poder casar, para fazer um pé de meia, de casamento, para, enfim. E estava nessa técnica de ficar fazendo perguntinha...

**Paula Scarpin:** Daí, numa dessas de "ficar fazendo perguntinha", ele ouviu um "causo".

**Rafael Zanatta:** Esse "causo" que eu vou contar, como eu dizia lá no interior, "contar um caso"...

**Paula Scarpin:** O Rafael é de Maringá, interior do Paraná.

**Rafael Zanatta:** Eu estava me organizando para viajar pro Rio de Janeiro, saindo de Maringá pro Rio de Janeiro, e peguei um Uber e estava em direção ao aeroporto.

**Paula Scarpin:** Pegou o Uber. "Bom dia", "Bom dia" e, pimba:

**Rafael Zanatta:** "E aí, que você faz? Como é que é tua vida?" E esse camarada chamado M, chamei ele de M na thread...

**Paula Scarpin:** Eu soube dessa história porque o Rafael contou o "causo" numa thread no Twitter. E ali, no Twitter, ele só chamou o motorista de "M". Mas aqui, quando ele pousou no Rio e topou vir conversar com a gente aqui na Novelo, ele deu o nome mesmo.

**Rafael Zanatta:** Matheus. Matheus.

**Paula Scarpin:** Até porque, nessa altura, o Matheus já tinha topado falar com a gente também.

**Matheus Azevedo:** Bom, eu falo que sou Matheus Azevedo porque eu tenho cinco nomes, então eu só falo: "Matheus Azevedo".

**Paula Scarpin:** Matheus Azevedo. Esse é o nome do nosso protagonista. Mas a gente já vai chegar nele. Até porque essa conversa com ele foi só depois. Primeiro: o que o Matheus respondeu pro Rafael.

**Rafael Zanatta:** "E aí, que você faz? Como é que é tua vida?" Ele disse: "Olha, eu sou servidor público de uma cidade chamada Ourizona". Falei: "Ourizona, cara? Onde que é essa cidade? Não conheço." Apesar de ser maringense, eu não conhecia, nunca fui lá. "Não, Ourizona é uma cidadezinha pequenininha tem 3 mil habitantes". "Pô, que legal. Como é que é em Ourizona? O pessoal vive de quê?" "Agricultura, muita soja, muita cana". "Você trabalha com isso lá? Tem envolvimento com agronegócio e tal?" "Não, eu sou servidor público, mas eu tenho um trabalho diferente."

"Que que é teu trabalho?" "Eu sou cozeiro." Falei: "Pô, legal, cara". Falei: "Trabalho importante, né, porque... fundamental para a sociedade". Falei: "Como é que é a vida de cozeiro?" Falou: "Ah, tranquilo. Na pandemia teve muita coisa para fazer. Mas agora o número de mortes diminuiu". "Pô, que legal, cara..."

**Paula Scarpin:** E, pra não perder o hábito, o Rafael perguntou de política.

**Rafael Zanatta:** E como é que é a política lá? Que tipo de interesse você tem na política?" "Então, esses dias eu fui fazer uma investigação de como é que os vereadores gastam recursos na minha cidade". Falei: "É? Como é que foi?" "Não, eu falei com uma advogada amiga minha que me ensinou a lei de dados abertos e fiz os pedidos por Lei de Acesso à Informação".

**Paula Scarpin:** Na verdade, o Matheus é um dos protagonistas dessa história. A outra protagonista é a LAI. A Lei de Acesso à Informação. E, antes de a gente continuar essa história que o Rafael ouviu do Matheus – e antes de conhecer melhor o Matheus – vamos conhecer melhor a LAI.

**Guilherme Alpendre:** A LAI é – a Lei de Acesso à Informação é uma legislação que regulamenta o direito de todo cidadão de ter acesso a informações do governo, do Estado, que está disposta na Constituição. Então, desde 88 se esperava uma regulamentação disso por uma lei. E aí, em 2011, essa lei foi aprovada no Congresso, e entrou em vigor em 2012. Ela fez 11 anos agora em maio.

**Paula Scarpin:** Esse dicionáriozinho falante, que é só apertar pra sair falando tudo de LAI, é o Guilherme Alpendre, diretor executivo aqui da Novelo. Eu puxei o Gui pra essa pauta porque, além de jornalista, ele quase se formou em direito também...

**Guilherme Alpendre:** Acho que está no artigo V, aliás, que é o artigo dos direitos, ele é um dos incisos e que é um direito do cidadão ter acesso a informações.

**Paula Scarpin:** Mas não foi só por isso que eu pedi a ajuda do Gui nessa história. Foi porque eu sabia que ele tinha testemunhado a criação da LAI desde o começo.

**Guilherme Alpendre:** Eu tomei contato com isso pessoalmente, quando trabalhei primeiro na Transparência Brasil, que é uma ONG de combate à corrupção, que era então dirigida pelo Cláudio Weber Abramo, e ele era um dos caras que estudava acesso à informação, usava os dados que ele conseguia obter para produzir informação para o público consultar...

**Paula Scarpin:** Voltando um pouco: como o Gui falou, a Constituição de 88 garantia que todo cidadão tinha o direito de acessar informações públicas. Só que, entre 88 e 2011, não tinha passado nenhuma lei que dizia como que isso ia acontecer.

Porque, beleza, eu posso ter um direito constitucional a sorvete, por exemplo, mas se não tem uma lei pra explicar qual é a marca de sorvete, se vale só picolé de fruta ou se sorvete de três bolas tá valendo também. Em qual padaria eu retiro meu picolé de direito... quantos por dia – ou por semana, ou por mês – eu posso pegar esse direito não serve pra muita coisa, né? E com direito à informação pública é a mesma coisa.

Beleza, tenho o direito de saber. Mas pra quem eu pergunto? Onde eu consulto? Tem uma estrutura do governo preparada pra me responder? No Brasil, não tinha nenhuma lei pra organizar tudo isso.

**Guilherme Alpendre:** A mais antiga eu acho que é a da Suécia, que é do século XVIII. Mas nos Estados Unidos tem o Freedom of Information Act, que é uma ferramenta super útil para a sociedade civil, para o jornalismo. Então, o Cláudio queria que isso existisse no Brasil, trabalhava para isso, trabalhava fazendo lobby no lugar da Transparência Brasil, e trabalhava junto à administração pública para propor a redação legislativa, mesmo.

**Paula Scarpin:** O Gui acompanhou de perto esse lobby da Transparência Brasil quando ele estava trabalhando lá e aí ele mudou de emprego – foi trabalhar na Abraji, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

**Guilherme Alpendre:** Então a Abraji tinha, quando foi fundada em 2002, um dos objetivos dela era garantir o acesso a informações públicas. E aí o Fernando Rodrigues, jornalista da Folha – então da Folha, hoje do Poder 360 – que é um dos fundadores da Abraji, ele pessoalmente se envolvia na defesa da aprovação dessa lei, e conversava com deputados, com senadores, depois que esse projeto de lei já estava tramitando. Eu lembro, em 2011, eu lembro do Fernando Rodrigues telefonando para senadores e falando: "Pô, Suplicy! Vai pedir vista disso agora? Vai pedir um destaque disso? Não! Aprova, isso, cara, aprova isso!"

**Paula Scarpin:** E aí, depois de muito lobby de muita gente – incluindo o Cláudio Abramo e o Fernando Rodrigues – a Lei de Acesso à Informação foi aprovada. A LAI especifica quais dados o governo tem que disponibilizar, mesmo que ninguém peça. E ela também diz quais dados você tem o direito de pedir acesso.

**Guilherme Alpendre:** É a lei que te dá as ferramentas para exercer o direito. Você, pela lei, você entende qual é o seu limite, qual é o seu processo. É que depois da lei ainda tem os decretos de regulamentação. Então cada estado, cada prefeitura, o próprio governo federal, baixa decretos. É um ato do Executivo que destrincha ainda mais como é que isso vai se dar. Então a LAI diz quais são os dados a que você tem direito de acessar. A LAI diz quais são os dados que os órgãos públicos têm a obrigação de deixar publicados, deixar a transparência ativa. São os dados que têm que estar disponíveis para consulta, independentemente de uma requisição. E também diz como é que você faz para acessar. Aí o governo federal regulamentou que você faz isso através do sistema e-SIC – que está vinculado à Controladoria Geral da União, que é a instância recursal máxima. Então você faz um pedido de acesso à informação. Se ele é negado, você recorre para o próprio órgão. Se ele é negado, você recorre para outra terceira instância, que é a CGU.

**Paula Scarpin:** Tudo isso estava especificado na lei. Na LAI. E aí, beleza: pode pedir acesso a qualquer dado do governo... Chuta qual informação foi mais pedida de cara.

**Guilherme Alpendre:** O que as pessoas mais queriam saber eram os salários uns dos outros. Então tinha muito pedido desse tipo de informação. E aí o Senado brasileiro criou um embaraço à Lei de Acesso, que era para você consultar o salário do servidor, você tinha que se identificar. E isso está na lei. Você tem que se identificar para consultar. Só que o que o Senado fazia era informar o servidor quem tinha consultado o salário dele. Então a pessoa estava lá trabalhando, viu um e-mail, fulano de tal CPF, tal, e-mail tal, consultou o seu salário. E aí os funcionários vão tirar satisfação e tal e reclamar. E tem uma anedota que eu acho que até saiu na Piauí. Era uma esquina. Mas de uma pessoa, um cara que estava noivo. Ele era estenógrafo do Senado. E aí a noiva consultou o salário dele e desfez o noivado.

**Paula Scarpin:** Nessa época, o Gui estava trabalhando na Abraji. E, assim que a lei entrou em vigor, em 2012, ele também começou a brincar de LAI. Que nem uma criança que ganhou um brinquedo novo. Mas também pra ver se a lei estava funcionando direito.

Por exemplo: ele pediu informações sobre o volume de envios dos postos dos correios do centro de São Paulo – pra poder escolher o lugar com menos fila. Ele também perguntou quantos por cento dos professores que se candidatavam pra corrigir o ENEM estavam – eles mesmos – acertando as perguntas de gramática da seleção. Bom acho que deu pra ter uma noção do poder da LAI. Eu não consigo nem imaginar como era fazer jornalismo antes disso. Mas aí é que tá. Eu sou jornalista. O Gui é jornalista. O Rafael Zanatta não é jornalista, mas ele trabalha com dados.

**Paula Scarpin:** Não sei se você tem esbarrado com gente, assim, se você conhece outros casos, ou se ele justamente te chamou atenção...

**Rafael Zanatta:** Eu não tenho. Chamou a atenção justamente por isso

**Matheus Azevedo:** Olha, assim, eu nunca imaginei que eu faria isso na minha vida.



**Paula Scarpin:** Pronto, a gente chegou no outro protagonista. E por incrível que pareça é mais difícil definir o Matheus do que definir a LAI.

Você já sabe que ele é motorista de Uber e que ele é Coveiro. Mas isso é só nessa encarnação mais recente.

**Matheus Azevedo:** Eu fiz história, na UEM. Aqui na Universidade Estadual de Maringá. Porém, eu parei no último ano. Eu dei aula uma semana e falei: "Não é para mim isso, não quero".

**Paula Scarpin:** Professor de história: não. Então o Matheus saiu da sala de aula e subiu no palco.

**Matheus Azevedo:** Eu tinha uma dupla. Eu cantei durante dez anos nos bares, shows, assim, de prefeitura e tal.

**Paula Scarpin:** Era uma dupla sertaneja? Que vocês tocavam?

**Matheus Azevedo:** Então, não era bem sertanejo... Era engraçado que ele ia de cowboy, chapéuzão, fivela. Aquelas botas de bico fino demais. A gente fala que é de matar barata no canto da parede. Eu era um cara alternativo, de All Star, touca na cabeça, um lápis no olho e ia.

**Paula Scarpin:** A dupla fazia sucesso ali na região...

**Matheus Azevedo:** A gente tocava de terça a domingo, tinha só de segunda-feira de folga. E assim, barzinhos, festas da cidade. Era desde barzinho, um show com dez pessoas, até a festa do Milho aqui de Ourizona, que deu 10 mil pessoas.

**Paula Scarpin:** Eles estavam conseguindo ganhar uma graninha – tanto que o Matheus conseguiu comprar um carro. O carro que hoje em dia ele usa pra fazer Uber. Só que, depois de dez anos tocando junto, o Matheus levou um pé na bunda.

**Matheus Azevedo:** Na verdade chegou outra pessoa, ela falou: "Eu quero você, mas eu quero você solo". Ele era primeira voz, eu era a segunda. A gente até brincava que eu era o Marrone da dupla, né? Eu estava ali e ele aparecia tanto que a voz principal era dele.

**Paula Scarpin:** Como chamava a dupla?

**Matheus Azevedo:** Matheus e Fernando.

**Guilherme Alpendre:** Seu nome vinha antes.

**Matheus Azevedo:** E até era antes...

**Paula Scarpin:** A dupla se desfez – e a gente nem consegue tocar um pouquinho da música deles aqui porque o Matheus tirou tudo do ar.

**Matheus Azevedo:** Eu tirei tudo do ar, tudo o que tinha no YouTube, tudo o que tinha no Instagram e tudo que tinha no Facebook. Deixei todos os direitos para ele. Falei: "Se você quiser, tá aqui os direitos, pode ficar tudo para você, que eu não vou mais mexer com isso". É que assim: o choque foi muito grande, foi um choque muito grande para mim.

**Paula Scarpin:** Isso foi em setembro de 2019. O Matheus continuou fazendo um ou outro show solo – mas a mãe dele começou a desconfiar que isso não tinha muito futuro. Daí ela entrou no site da prefeitura e viu um concurso:

**Matheus Azevedo:** Ela viu lá: "Auxiliar de serviços gerais". Então, serviços gerais na minha cidade, como é pequena, você faz tudo, desde limpar um bueiro até você enterrar as pessoas. Então, assim, é tudo. Serviços gerais envolve tudo isso, sabe?

**Paula Scarpin:** E foi assim que, em julho de 2020, o Matheus virou auxiliar de serviços gerais da cidade de Ourizona.

**Matheus Azevedo:** E quando você entra no serviço público, eles te testam até o limite. O primeiro dia que eu entrei na prefeitura me mandaram trabalhar lá no lixão. Não tinha nada para fazer lá, nada. "Ah, o cara é cantor não vai aguentar uma semana aqui." Estou há três anos já.

**Paula Scarpin:** Naquele primeiro dia, não tinha nada pra fazer.

Mas não demorou pra ele ter trabalho real. E, em 2020, muito mais do que limpar bueiro ou fiscalizar o lixão, o que a cidade acabou precisando mesmo era de mão de obra pra enterrar pessoas.

**Matheus Azevedo:** Eu sou assistente do coveiro, entendeu. Geralmente a gente nem carrega o caixão, tá? Porque o servente de coveiro é um tanto quanto diferente do que as pessoas estão acostumadas. Assistente de coveiro é basicamente um servente de pedreiro. Eu bato a massa ali pra colocar cimento quando vai lacrar a cova, sabe?

**Paula Scarpin:** Ourizona é uma cidade pequena, então o Matheus já conhecia quase todo mundo que tava sendo enterrado ali, nem que fosse só de vista.

**Matheus Azevedo:** Enterrei muito amigo meu, muito amigo meu, inclusive da minha idade.

**Paula Scarpin:** O Matheus sempre foi um cara alegre, mas esse trabalho tão íntimo com a morte estava minando a alegria dele. O pessoal que tava trabalhando no cemitério chegou a ganhar um acompanhamento psicológico nessa época.

**Matheus Azevedo:** A psicóloga falou assim: "Vai te ajudar muito conversar com pessoas vivas". Então o Uber para mim foi muito bom psicologicamente por conta de conversar com as pessoas. Porque quando tá no cemitério sou só eu e o coveiro lá. Então assim, quando fiquei lá do cemitério, mais tempo que fiquei foi oito meses. 2020, na época da pandemia. E era só eu e ele lá e olhe lá. Não ia ninguém lá. A gente só ia pra lá pra enterrar as pessoas e fazer cova. Então, se você fica triste, você fica sozinho, você não conversa com ninguém, você só vê as fotinhas lá das lápides. Então me ajudou muito o

Uber, inclusive nessa questão. Aí eu faço o Uber até hoje e eu gosto bastante.

**Paula Scarpin:** O Uber deu essa renovada na moral do Matheus. De segunda a sexta ele é auxiliar de serviços gerais, no fim de semana ele tá no Uber de dia, e de noite ele continua tocando – agora numa banda.

**Matheus Azevedo:** Virei pagodeiro. Oh, meu Deus do céu!

**Paula Scarpin:** E não é que ele separa essas personas em caixinhas. Tipo, o Matheus músico, o Matheus motorista, o Matheus assistente de copeiro. Ele não compartimentaliza. É tudo junto e misturado.

E desde que ele passou no concurso, isso começou a dar problema. Porque, pra divulgar o trabalho dele como músico, o Matheus tava muito acostumado a postar sempre nas redes sociais. E, quando mandaram ele pro lixão, ele não pensou duas vezes.

**Matheus Azevedo:** Eu tirei uma selfie. Tá no meu Facebook até hoje, assim, com uma cara triste: "Me colocaram para trabalhar no lixão". Aí na fotinha do lado, sorrindo, "lembrei que sou funcionário público concursado kkk". Fazendo um deboche, literalmente: "Sou concursado e ninguém me tira". Basicamente isso. Aí começou a perseguição de mandar eu carpir pedra.

**Paula Scarpin:** Segundo o Matheus, daquela selfie em diante, o serviço só foi ficando mais pesado.

**Matheus Azevedo:** E eu fazia dando risada. Por que? Porque eu já estou num local tenso, braçal – serviço braçal já pesado. Eu vou trabalhar triste? Não vou. Então eu fazia tudo com muita ironia, mas fazia o meu trabalho com muito deboche, mas eu fazia o meu trabalho, e isso começou a incomodar demais.

**Paula Scarpin:** Foi aí que começaram a chegar as advertências.

**Matheus Azevedo:** Eles tentaram abrir um processo legislativo contra eu, contra a minha pessoa, como servidor público. A primeira advertência foi que, assim, que eu estava tecnicamente queimando a imagem da prefeitura postando essas fotos. O pessoal ficava pistola assim, muito bravo. A segunda foi que eu tirei a foto no cemitério, que eu tinha feito uma cova junto com o coveiro e coloquei embaixo: "Diário de um coveiro. Capítulo um: a primeira cova a gente nunca esquece". Ó essa piada. O tipo de piada, o grau das piadas. Cada uma... aí foi a imagem da prefeitura, "agiu de forma desidiosa", que é não gostar de trabalhar. Porém eu sempre fazia o serviço que eles pediam para fazer. E a terceira, "não respeitar as ordens dos superiores". Essas ordens é o seguinte: como Ourizona é uma cidade pequena, ela tem muita questão, tipo: "A senhora de tal família está precisando de carpir uma data, você vai lá fazer?"

**Paula Scarpin:** "Data" é uma outra palavra pra terreno. Ou seja, segundo o Matheus, a prefeitura tava pedindo pra ele ir roçar terrenos particulares.

**Matheus Azevedo:** Eu falo: "Não, não faço serviço particular. Eu sou funcionário público, sou concursado para tal, não vou carpir data de ninguém, não vou entrar a máquina em pasto de ninguém, em data de ninguém para fazer". Eu comecei a falar não. Então eu comecei a bater de frente com o sistema. Então falei: "Ó, só, se eu for fazer, vou filmar e vou colocando na internet para todo mundo ver que eu tenho que fazer serviço particular em horário de serviço público". Pronto. Eles começaram a jogar eu em serviço pesado mais ainda, sabe? Que é caminhão do lixo, você corre 12 quilômetros, isso, aquilo... e eu dou risada, inclusive, no caminhão do lixo eu levo uma JBL. Pra tocar música o tempo todo na coleta, e eles ficam muito bravos com isso, porque eu cheguei assim: "Vou fazer do meu jeito, mas vou corresponder meu trabalho que eu fui, porque eu sou concursado pra isso, então vou fazer da melhor forma, feliz". Aí nisso foi as três advertências e graças a Deus, a minha cunhada, a mulher do meu irmão era advogada e ela é muito boa. Ela é de Maringá, Roberta Lipori, o nome dela. E eu falei assim: "Roberta, eu acho que eles vão me tirar da prefeitura". "Por que?" "Por conta disso, disso, disso." E ela foi e comprou a minha briga, mas ela só falou uma coisa para mim: "Ó, eu vou te ajudar, mas se você mentir para mim" – não sei

se eu posso falar isso – mas ela falou: "Mas eu fodo com a tua vida". Desse jeito.

**Paula Scarpin:** A defesa do Matheus não foi só disputar essas advertências. O passo que ele tomou na sequência foi baseado numa tática muito antiga, lá da "Arte da Guerra", do Sun Tzu: "a melhor defesa é um bom ataque".

**Matheus Azevedo:** Eu falei: "Ah, você vai me atacar? Então eu vou pra guerra". Porque eu sempre fiz meu trabalho com excelência, o cara tentando me derrubar. Aí eu criei essa página chamada "Ourizona Informa".

**Paula Scarpin:** Uma página no Facebook chamada "Ourizona Informa".

A arma principal do Matheus nessa guerra ia ser justamente a informação. E ele começou com um tipo de informação que já tava pública.

Os editais de Ourizona, tipo o Diário Oficial do município, saíam toda semana. Mas eles saíam num jornalzinho regional – chamado "O Regional" – que também publica um monte de editais de mais de uma dúzia de outras cidades pequenas. Então o Matheus resolveu fazer uma triagem só com as coisas de Ourizona, e publicar nessa página, a "Ourizona Informa". Pelo menos ele tava prestando um serviço público pros concidadãos.

As primeiras postagens, lá em agosto de 2021, têm muito pouca interação. E, só de ler, dá pra entender por que tão pouca gente se interessa pelo Diário Oficial. Tá lá: licença-maternidade da servidora Fulana. Férias do servidor Sicrano. Recarga de três extintores de incêndio. Esse tipo de coisa.

Só que, ao mesmo tempo que o Matheus tava fuçando nos editais, ele começou a se aventurar no Portal da Transparência da cidade. Que, lembrando, só existe por causa da Lei de Acesso à Informação.

**Paula Scarpin:** Hoje de manhã a gente entrou no site da prefeitura de Ourizona.

**Guilherme Alpendre:** Da Câmara.

**Paula Scarpin:** Da Câmara. E aí, o Gui falou: "Isso aqui é um bom portal, é um bom uso da Transparência. Tava bem organizadinho ali".

**Guilherme Alpendre:** É, e eu entrei e naveguei muito rápido ali e abri o site da Câmara, da Transparência. E eu lembro de, quando eu trabalhava na Abraji, a gente fazia avaliação dos portais de transparência, então era meio que um pouco instintivo a ferramenta Transparência, tal. Daí apareceu o quadro. E, cara, é um bom Portal da Transparência. Eu estava interessado, porque o normal é que seja transparência ativa. A regra é que esteja lá.

**Rafael Zanatta:** A regra é a mobilização do poder público para colocar à disposição do cidadão a maior quantidade de informações que dizem respeito às coisas, coisas republicanas.

**Matheus Azevedo:** Tem tudo aqui, licitações, contratos, termos de aditivo.

**Paula Scarpin:** O Matheus começou a se embrenhar nessa floresta de informações atrás de respostas pra mistérios cotidianos. O primeiro dia dele de trabalho tinha sido no lixão. E foi pelo lixo que ele começou a puxar o fio das investigações dele.

Em Ourizona, as pessoas viviam reclamando sobre a coleta seletiva de lixo. O caminhão não passava, ou não passava quando devia passar, e os sacos cheios de lixinhos cuidadosamente selecionados ficavam mofando lá.

Daí, no Portal da Transparência, o Matheus achou o contrato da coleta seletiva. E ele viu que a prefeitura tinha contratado uma empresa pra fazer essa coleta seletiva e que essa empresa usava um caminhão da própria prefeitura. Quer dizer: a cidade tava pagando, cedendo equipamento, pagando até o diesel do caminhão, e o serviço não estava sendo feito.

**Matheus Azevedo:** Agora eu pergunto pra todos vocês que estão na live: o que deve estar mais acontecendo por trás disso tudo?

**Paula Scarpin:** E foi nessa época que, além do "Ourizona Informa", o Matheus começou a fazer lives.

**Matheus Azevedo:** Hoje o assunto vai ser referente à coleta – oi, Érica! – Coleta do lixo reciclável.

**Paula Scarpin:** Eu vou te poupar de mais detalhes da licitação da coleta seletiva de Ourizona, tá? Porque o que importa pra nossa história aqui é que o Matheus ficou viciado. Fissurado nas possibilidades do Portal da Transparência. E ele começou a espalhar a palavra da transparência nas lives dele.

**Matheus Azevedo:** É tudo o que acontece na cidade, cara. Tudo que envolve valores, orçamentos, licitações, planejamentos... tem tudo no site da prefeitura, tudo. Então você consegue ver exatamente tudo que acontece na prefeitura. Tanto de salário, você sabe quanto eu ganho, como serviço geral, sabe o que o meu coleguinha ganha, quanto o prefeito ganha.

**Paula Scarpin:** Já estava dada a deixa. O Matheus foi fuçar os salários do pessoal do andar de cima.

**Matheus Azevedo:** Aí estava vendo ali os salários, tudo. Eu puxei. Não sei se foi algum espírito bondoso que colocou as diárias dos vereadores. Na hora que eu vi aquilo lá. Eu falei: "Meu Deus do céu!" Tinha vereador ganhando 10 mil reais por mês em diárias. Então assim, o vereador que ganha 3.600, passando para 13 mil o salário de vereador com diárias.

**Paula Scarpin:** O "espírito bondoso" que colocou as informações ali, você já sabe, é a LAI. E essas "diárias" que o Matheus tá falando são diárias de viagem. Um adicional que os funcionários públicos ganham quando eles têm que fazer alguma função fora da cidade onde eles atuam.

E, consultando o Portal da Transparência da Câmara, o Matheus viu que os salários dos vereadores estavam mais que triplicando com as diárias de viagem. Algumas diárias, aliás, tinham sido pagas quando a Câmara tava de recesso – o que ia contra as normas.

O Matheus ficou encucado com isso. Ele e a cunhada advogada dele, a Roberta, foram fundo na investigação. Eles viram que, no começo da pandemia, os



vereadores tinham votado pra quase dobrar o valor da diária de viagem. A diária passou de 350 pra 600 reais. E, a partir daí, as diárias explodiram. Tudo isso foi parar no Ourizona Informa. E também na live do Matheus.

**Matheus Azevedo:** Vocês sabem o que os vereadores foram fazer lá em Foz do Iguaçu?

**Paula Scarpin:** Obviamente esse tipo de postagem gerou muito mais interesse do que a recarga dos extintores. E, entre o público da live, estavam colegas e chefes do Matheus.

**Matheus Azevedo:** "Ah, o Matheus é X9". "O Matheus é isso, o Matheus é aquilo".

**Paula Scarpin:** O Matheus tinha virado fiscal das diárias. Teve um dia que ele passou por uma vereadora na calçada. Nada demais, né? Cidade pequena.

**Matheus Azevedo:** E eu olhei assim. A vereadora me olhou e eu só balancei a cabeça: "Não acredito..."

**Paula Scarpin:** Porque você tinha visto naquele dia que ela estaria viajando.

O Matheus tinha visto, no Portal da Transparência, que aquela vereadora tava recebendo uma diária de viagem naquele dia... e esbarrou com ela na rua.

Pela conversa naquela corrida do Uber, o Rafael Zanatta tinha entendido que o Matheus chegou a entrar com pedido pelo portal e-SIC...

**Rafael Zanatta:** Ele falou: fiz os pedidos pela Lei de Acesso à Informação. Do jeito que ele me contou, eu entendi que ele tinha caçado, que ele tinha feito pedido.

**Matheus Azevedo:** Cara, eu ouvi falar, de verdade, mas eu nunca fui a fundo dessa lei, porque quando eu entrei eu já peguei tudo pronto. Eu falei: "Tá aqui, vou ver como que funciona isso". Ela tinha comentado sobre que a prefeitura é obrigada a colocar tudo, né?

**Paula Scarpin:** Tudo que você pesquisou foi no Portal da Transparência, né. Você não teve que entrar com nenhum pedido de informação a mais.

**Matheus Azevedo:** Não, nada, nada.

**Paula Scarpin:** O Matheus e a cunhada dele fizeram um dossiê com todas as irregularidades que eles encontraram – desde o caminhão de lixo, passando pelas diárias irregulares – e mandaram pra Câmara. E nada.

**Matheus Azevedo:** Eu e mais a doutora fizemos uma documentação de 17 páginas explicando os pontos que estavam errados, como foram os pontos que a doutora citou e recebemos apenas duas páginas de resposta e nenhuma das respostas foram dadas, principalmente sobre as diárias que foram realizadas.

**Paula Scarpin:** Algumas semanas depois, o drama extrapolou as caixas de comentários do Facebook. O Matheus tava ali na Câmara dos Vereadores, assistindo à sessão.

**Matheus Azevedo:** Eu vou na sessão toda sexta-feira e eles brincam, falam que eu sou o décimo vereador. De novo, e eu falo que sou o décimo, porque todas as sessões que tem nas sextas-feiras eu estou lá.

**Paula Scarpin:** Mas naquela sexta, um vereador – o Eduardo Baptista, que é conhecido como "Boto" – começou a falar dele. Do Matheus. Do comportamento do Matheus.

**Matheus Azevedo:** "Inclusive um servidor aqui fica com viadagem para cima de mim, fica piscando pra mim e mandando beijinho".

**Paula Scarpin:** Pois é. O Boto tava alegando que ele tava sendo assediado pelo Matheus.

**Matheus Azevedo:** E eu sou hétero, sou casado com uma mulher e tal, mas sempre respeitei tranquilamente. Não tem nenhum problema, jamais tive, graças a Deus.

**Paula Scarpin:** O maior fruto desse incidente todo foi a atenção de um programa de TV chamado Tribuna da Massa – sim, da afiliada do SBT do Paraná, da família do Carlos Massa, o Ratinho...

#### **ARQ TRIBUNA DA MASSA**

**Boto:** Já é a segunda vez que um servidor público do município passa, faz gestos de piscar pra mim, faz gestos de – desculpa falar – de viadagem.

**Repórter:** Foi durante a sessão da Câmara de Ourizona que o vereador Eduardo Batista, do PSB, fez uso da tribuna do plenário para reclamar de um servidor público do município. Durante a fala, o vereador se diz acuado e conta que essa não seria a primeira vez que o servidor teria feito gestos que ele chamou de “viadagem”.

**Boto:** Eu fiquei muito chateado com a situação, porque eu acho uma falta de respeito com pai de família.

**Paula Scarpin:** Eu não sei onde o Boto queria chegar com esse "desabafo". Mas o que ele recebeu foi uma denúncia por homofobia. E, já que o Ministério Público tava na área, eles aproveitaram pra conferir também as denúncias do Matheus.

**Matheus Azevedo:** Foi por conta do episódio de homofobia. E de brinde, eles pegaram a farra das diárias.

**Paula Scarpin:** Uma semana depois do “Piscadela Gate”, o Ministério Público do Paraná abriu um inquérito sobre as diárias dos vereadores de Ourizona, apontando irregularidades e pedindo documentação de todas as viagens que deviam corresponder àquelas diárias.

Em 2021, os gastos chegaram a pouco mais de R\$110 mil. Vale dizer que praticamente tudo isso foi até setembro, antes dessa puxada de orelha do MP.

**Matheus Azevedo:** Provavelmente, tomara Deus que eles devolvam esses valores com juros e correção monetária. Provavelmente eles nem estarão mais na vereança deles, né? Mas, pelo que eu pesquisei, tudo em outros estados que aconteceu tiveram que devolver com juros e correção monetária. Se acaso não acontecer isso, tem os bens bloqueados pelo Ministério Público e tal.

**Paula Scarpin:** O inquérito ainda não andou muito desde então. Mas o Matheus ficou de olho no Portal da Transparência, e viu que o choque de ordem já fez efeito.

**Matheus Azevedo:** E mais dois, dos nove, apenas três, quatro ali ainda fazem diárias, mas não tanto. Então, sei lá, de 120 mil reais passou para 18 mil reais por conta da minha matéria.

**Paula Scarpin:** Lembrando mais uma vez que Ourizona é uma cidade pequena. Numa comunidade de 3 mil pessoas, uma coisa dessas não passa batida.

**Rafael Zanatta:** Falei: "Deve ter sido muito difícil para você. Como é que isso? Como é que está sua segurança? Você está sendo ameaçado?" Fiquei preocupado.

**Paula Scarpin:** Aqui de novo o Rafael Zanatta, que ouviu essa história em primeira mão do Matheus lá no Uber.

**Rafael Zanatta:** Porque cidadezinha pequena... Eu conheço algumas cidades pequenas ao redor de Maringá e todo mundo sabe tudo sobre todo mundo... Tem essa vigilância moral e tem ameaças também. E ele falou: "Eu tô lidando bem com isso, tô seguro de que eu fiz a coisa certa."

**Guilherme Alpendre:** E você, conhece eles ou as famílias? Como é que é essa relação com eles?

**Matheus Azevedo:** Todos, conheço todos. Inclusive esse vereador da verdade, os meus pais são padrinhos do filho dele. O cara ia na casa dos meus pais, bebia cerveja junto com meu pai, fazia churrasco junto, mas

quando envolveu política, acabou, acabou. Então eu tenho contato com todos, cumprimento todos. “Então eu vou tirar você da prefeitura!”, e eu falava: “Eu vou te enterrar ainda, parceiro! Mas assim, na base do deboche... “te enterrar”, porque eu trabalho de coveiro ali, de assistente de coveiro. “Fica tranquilo, eu vou te enterrar ainda. Pode ficar tranquilo”.

**Rafael Zanatta:** Falei: “Pô, isso é genial! Você é o coveiro. O cara que está sepultando a corrupção! É incrível!”

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Rádio Novelo.

Essa história foi produzida com apoio do Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas. O fórum foi criado em 2003 e trabalhou pela aprovação da Lei de Acesso à Informação, a LAI. Hoje, a coalizão reúne 31 organizações que lutam para que todo mundo possa acessar dados relevantes e praticar o controle social do poder público. Para saber mais do trabalho do Fórum, acesse [informacaopublica.org.br](http://informacaopublica.org.br)

O vespeiro do primeiro ato tem uma cara bem século XXI, né? Uma denúncia feita graças a portais digitais, espalhada em lives e divulgada no Facebook.

Agora, o vespeiro do segundo ato até chega até hoje – não dá pra dizer que ele não é um vespeiro do século XXI também. Mas ele tem uma linha do tempo bem mais comprida.

Quem vai levar a gente por um passeio de alguns séculos é o Tiago Rogero.

---

## ATO 2

**Tiago Rogero:** Catarina, então, primeiro, primeiro: eu queria que você, por gentileza, se apresentasse começando com o seu nome e depois todas e quantas palavras que você geralmente usa pra se apresentar.

**Catarina Demony:** Tá bem. O meu nome é Catarina Demony, sou jornalista de profissão. Trabalho neste momento em Lisboa na agência Reuters como correspondente e também sou produtora de um documentário que comecei a realizar há cerca de dois anos com o querido colega, o Carlos Costa, que é o meu realizador e o documentário foca-se nos meus antepassados.

**Tiago Rogero:** A Catarina nasceu em Lisboa.

**Catarina Demony:** Portanto, eu sou a primeira geração que nasce em Portugal. A minha mãe nasceu em Angola, os meus avós também.

**Tiago Rogero:** A Catarina é branca. Portugal colonizou Angola por quatrocentos anos. Até a revolução que finalmente tornou Angola independente, só em Mil Novecentos e Setenta e Cinco, era comum a presença de muitas famílias brancas portuguesas por lá.

**Catarina Demony:** Portanto, a minha família tem raízes em Angola desde o século XVIII, obviamente com ligações muito fortes a Portugal. Mas eu sou a primeira geração que nasce já cá.

**Tiago Rogero:** Mas a formação dela em jornalismo foi fora de Portugal.

**Catarina Demony:** Tive o privilégio de poder estudar jornalismo em Londres e o privilégio de me rodear com pessoas de vários, de vários sítios, de vários países. E foram essas pessoas que eu conheci, jornalistas, mas também ativistas com com, que começaram a questionar-me a mim sobre o meu próprio passado. E eu acho que só vai a partir do momento em que eu saio do país. Portanto, foi uma sorte. Muitas vezes pergunto-me a mim própria se eu teria feito estes questionamentos ao passado, à minha família, se eu tivesse ficado em Portugal. Não sei a resposta.

**Tiago Rogero:** E, bom, você já ouviu ela falando que fez um documentário sobre os antepassados dela, né? Foi depois que ela descobriu algo terrível sobre o passado da própria família.

**Catarina Demony:** A primeira vez que ouvi falar deste passado eu tinha cerca de 18 anos. Estava na sala de, na sala de estar da minha avó Lourdes, nessa altura a minha avó vivia no Algarve. E a minha avó contou-me esta história, sem ela própria saber a dimensão deste envolvimento, mas lembro-me de ela me ter falado de uma fotografia, de um brasão, um brasão da família. E ela contou-me que uma prima dela lhe enviou esta fotografia e disse: “Olha o brasão da nossa família ainda está aqui neste museu”. Este museu, que é hoje um museu, era uma capela onde as pessoas escravizadas, quando eram trazidas do interior de Angola, nas chamadas caravanas, onde eram batizadas antes de iniciarem a viagem para o Brasil ou para outros destinos. As pessoas eram batizadas lá e eram convertidas ao catolicismo e recebiam nomes, nomes europeus. Portanto, foi a partir desta fotografia que a minha avó me decidiu contar sobre este passado.

Mesmo durante a minha adolescência eu questionava-me bastante sobre como é que a minha família tinha uma vida tão abastada em Angola. Por quê? Porque os meus familiares mais recentes não tinham grandes profissões. Então eu comecei me a questionar: mas como é que nós tínhamos tanto dinheiro? Como é que sustentávamos esse tipo de vida?

**Tiago Rogero:** E ela acabou chegando à resposta.

**Catarina Demony:** Nós estamos a falar de uma família que chega a Angola no início do século XVIII, que rapidamente se começa a envolver no tráfico de pessoas escravizadas, começa a criar ligações com os governadores locais, começa a tentar perceber como é que funcionavam as feiras, onde se compravam pessoas escravizadas e tornou-se um negócio de família.

**Tiago Rogero:** Um negócio de família. Por cinco gerações, os Matoso de Andrade e Câmara enriqueceram com o tráfico de seres humanos. Cinco gerações de traficantes de escravizados. De pessoas que lucraram com o sequestro e o comércio de seres humanos. Crianças, adolescentes, mulheres, homens...

**Catarina Demony:** Portanto, todas ou a grande maioria daquelas que eu tive acesso, das pessoas que vieram após aquela primeira pessoa que chegou à

Angola no início do século XVIII, o Manuel Matoso de Andrade, estiveram envolvidas no tráfico transatlântico, de uma forma ou de outra. E depois estamos a falar de uma família que, a partir do envolvimento, do tráfico de pessoas escravizadas, construiu um grande patrimônio, portanto em relação a casas, propriedades, ouro, jóias.

**Tiago Rogero:** E um destino preferencial dos navios da família era, claro, o Brasil. Isso não chega a ser uma surpresa: afinal, das mais de 12 milhões de pessoas africanas que foram arrancadas de seus lares, mais de 5 milhões tinham o Brasil como o destino. Nenhum outro país do mundo chegou nem perto disso.

**Catarina Demony:** Olha, Tiago, eu cheguei a muita informação sobre a família Matoso de Andrade e Câmara a partir de historiadores brasileiros.

**Tiago Rogero:** Os antepassados da Catarina continuaram a enviar navios pro Brasil mesmo quando o tráfico aqui já tava proibido, depois de Mil Oitocentos e Trinta e Um. Eles esticaram a corda até quando foi possível. Só deixaram de traficar seres humanos quando o tráfico efetivamente acabou.

**Catarina Demony:** Estamos a falar aqui de pessoas com um envolvimento muito forte no tráfico transatlântico, principalmente a partir dos portos de Luanda e Benguela e que estão envolvidos no tráfico transatlântico até muito tarde: 1840 e 1850. Era uma família que não só nessa altura estava envolvida no tráfico transatlântico, como também ocupava, o que era normal na altura, cargos políticos de grande importância. Portanto, nós estamos a falar aqui de pessoas que na nobreza portuguesa tinham um grande peso e também e também em Angola.

**Tiago Rogero:** O resultado dessa pesquisa da Catarina tá no documentário que ela lançou em março de 2023. O nome do filme é "Debaixo do Tapete".

**Catarina Demony:** Apesar de alguns membros da minha família terem conhecimento dessa história, nunca acharam que era um tema relevante para trazer pra mesa. E eu acho que nesse ponto de vista reflete um bocadinho do que que é a sociedade portuguesa, não é? Este assunto aconteceu, isto aconteceu, mas foi no passado, eu não tenho nada a ver com



o que os meus antepassados fizeram, portanto nem sequer vou tocar nesse assunto.

**Tiago Rogero:** Pra você ter uma ideia, não existem dados oficiais sobre a composição étnica de Portugal. Sobre a cor ou raça das pessoas que moram lá. Isso porque essa pergunta não tá no censo. E nunca teve.

**Catarina Demony:** A minha experiência em Portugal, mesmo a produzir o documentário, foi que eu recebi muitas respostas de silêncio, de famílias com quem eu entrei em contato. Famílias com ainda muito poder em Portugal que eu tentei entrevistar e que a resposta, na sua generalidade, foi o silêncio. Não sei bem como é que é a situação no Brasil, mas eu sei que em Portugal há um longo percurso a percorrer, porque eu acho que Portugal ainda está na fase 0, que é a fase do negacionismo. Nós ainda nem sequer passamos à fase da vergonha, não é? Nós ainda não conseguimos assumir que há um problema de racismo estrutural no país. Portanto, não há vergonha deste passado; pelo contrário, há uma glorificação deste passado, que olhava para a nossa colonização de países, especialmente países africanos, como uma missão de civilizar.

**Tiago Rogero:** A Catarina conta que a família dela teve sentimentos mistos com a pesquisa e o documentário.

**Catarina Demony:** Quando a minha avó me conta esta história, eu começo a questionar um bocadinho mais; a minha avó foi a pessoa que mais apoiou. Ela queria saber mais, estava interessada em saber mais. Mas depois também tive outros membros da minha família, alguns que não ficaram totalmente satisfeitos com o fato de eu estar a fazer esse documentário. Eu tive pessoas dentro da minha família que basicamente me disseram que achavam que não havia qualquer valor em trazer este assunto para a praça pública. O que eu tive e tive muita pena foi que há pessoas da minha família que eu gostava muito ter entrevistado e que não quiseram ser entrevistadas. Aliás, porque no documentário as únicas pessoas que eu entrevistei foi minha avó e minha bisavó. Foram as únicas pessoas que eu consegui convencer a sentarem-se comigo.

Eu acho que há um aspecto bastante emocional da minha parte. Não necessariamente um sentimento de culpa, mas uma obrigação de não deixar que este projeto, que o documentário, o tema em si, morra, não é? Ser uma aliada do que é neste momento um movimento antirracista em Portugal. E também para incentivar um debate, e que seja um debate sobre o passado, seja um debate sobre o currículo escolar, seja um debate ou reparação histórica. E eu acho que é impossível olharmos para os nossos antepassados, sabermos aquilo que os nossos antepassados fizeram, sabermos quais é que são as raízes da nossa família e, na minha posição, saber que as raízes da minha família são um dos maiores crimes, o maior crime que foi cometido contra a humanidade. Portanto, há uma parte bastante emocional nisso, não há dúvida nenhuma. É só uma tentar canalizar essa emoção para contribuir de alguma forma para este debate que é tão importante em Portugal e no mundo todo.

**Tiago Rogero:** Esse movimento que a Catarina fez tem rolado também em outros países: famílias reconhecendo que a origem do seu dinheiro tá na escravização de pessoas. Claro que isso tá longe de ser a regra pra famílias com esse perfil, mas já teve uns poucos casos nos Estados Unidos, e um que gerou bastante repercussão foi o do Guardian, que é o principal jornal do Reino Unido.

Em 2023, o Guardian revelou que o dinheiro pra fundação do jornal veio da escravidão. Tanto o fundador quanto a maioria dos investidores enriqueceram com algodão produzido em fazendas escravocratas dos Estados Unidos e da Jamaica. Mas assim... E o Brasil?

O país do mundo que mais importou seres humanos sequestrados no continente africano; o último país das Américas a tornar a escravidão ilegal. E um país em que a gente vê remanescências da escravidão todo dia e em praticamente tudo. Eu num vou explicar aqui quais são elas; a gente já fez um podcast inteiro sobre isso, se não tiver ouvido ainda, depois você ouve: projeto Querino.

Bom, mas a quantidade de gente que já nasce com tudo dado no Brasil, com herança disso e daquilo; que pode passar uma vida inteira sem trabalhar, ou então trabalhando muito pouco; ou então só estudando, ou nem estudando; ou mesmo

estudando ou trabalhando, mas podendo ser absolutamente medíocre em tudo o que faz, porque sabe que o que é seu tá muito bem guardado.

E aí, do outro lado, a quantidade de pessoas que trabalham de sol a sol, desde novinhas; que passam uma vida inteira de provações só pra tentar, tentar fazer com que, talvez, a próxima geração tenha alguma oportunidade.

Cadê as famílias brasileiras que enriqueceram com a escravidão? Quando é que os descendentes dessas famílias vão reconhecer e encarar de frente esse passado?

Em 2021, eu fiquei sabendo que uma pessoa que eu conhecia era descendente de um escravocrata. E um escravocrata de vulto, um sujeito com números bem altos de escravizados.

E fiquei sabendo também que essa pessoa estava fazendo um movimento parecido com esse que a Catarina contou aqui. E, bom, não sou só eu que conheço essa pessoa. Você conhece também.

**Branca Vianna:** Meu nome é Branca Vianna. Eu sou fundadora da Rádio Novelo. E sou tetraneta do Visconde do Rio Preto.

**Tiago Rogero:** No fim de 2021, eu gravei uma entrevista com a Branca. E ela não estava sozinha.

**Anna Vianna:** Eu sou a Anna Vianna, intérprete de conferências, e sou irmã da Branca Vianna e tetraneta do Visconde.

**Tina Molloy:** Meu nome é Tina. Meu nome inteiro é Christina Molloy. A minha mãe é irmã da mãe da Anna e da Branca. E a minha mãe é descendente do Visconde. O meu pai é descendente de imigrantes irlandeses, e ele nasceu em Connecticut, então eu sou americana e brasileira.

**Tiago Rogero:** Legal, gente. Obrigado. Ó, próxima pergunta, por que exatamente que nós estamos reunidos aqui? O que que originou, qual que foi o primeiro momento que desencadeou a série de coisas que tão acontecendo que nos levaram a estar aqui hoje conversando?

**Branca Vianna:** Ah, acho que essa eu vou deixar pra Tina, que essa é com ela.

**Tina Molloy:** Bom, eu acho que começou de uma conversa longa data entre eu e a Quinha.

**Tiago Rogero:** Quem ouviu Praia dos Ossos talvez se lembre que, na família da Branca, todo mundo só chama ela de Quinha. Então quando a Tina falar Quinha, é da Branca que ela tá falando.

**Tina Molloy:** Mas eu acho que a gente realmente ignorou mesmo o passado do Visconde. Ele era uma figura muito presente na nossa infância. O quadro dele tava na sala, da Viscondessa também tava no fim do corredor. Mas a gente não levava muito a sério quando criança. E alguns anos atrás, já faz muitos anos que eu e a Quinha começamos muito a conversar sobre esse nosso ancestral e decidimos que temos que enfrentar isso e entender qual é a história dele.

**Branca Vianna:** Acho que foi muito importante esses anos todos que a gente vem conversando, que a gente foi aos poucos amadurecendo a ideia, as ideias sobre isso, trocando também literatura, sempre que eu via alguma coisa, ou a Tina via alguma coisa, a gente dizia: “Ah lê isso, lê aqui. Tem esse livro, aquele livro”. A gente sempre soube que ele tinha escravos, que eram muitos, a gente não sabia quantos. A gente sabia que ele tinha sido dono de várias fazendas da região e a gente andava muito a cavalo. E os nossos passeios favoritos, na verdade, eram nas antigas fazendas do Visconde. A maioria abandonada. E a gente sabia – essas casas mais antigas do Visconde tinham senzala. E a gente sabia que aquilo era senzala, a gente sabia que ali tinha tido pessoas escravizadas. Mas eu acho que era uma coisa que passava. Ninguém falava muito disso, ninguém falava disso na família. Aliás, nem muito, nem pouco. Não se fala disso. Era meio como se tivesse acontecido assim em outro planeta, sabe? Aconteceu lá naquele planeta Visconde que não tinha nada a ver com a gente fora aquele quadro na parede.

**Anna Vianna:** Foi vendo um outro quadro que tinha o Visconde a cavalo, num cavalão grandão, e um escravo correndo ao lado dele descalço. Ali parei pra pensar que tinha alguma coisa estranha nessa imagem.

**Tiago Rogero:** No site da Rádio Novelo tem uma imagem desse quadro. É uma pintura de 1855. Tá o Visconde do Rio Preto em cima de um cavalo branco, imponente, que tá galopando. Ao lado do Visconde, correndo, no chão, tá um menino negro, em segundo plano. É uma pintura, então não dá pra saber a idade, mas pelo tamanho e as feições parece ser uma criança. Eu não daria nem dez anos pro menino.

**Anna Vianna:** Mas eu acho que a gente nunca percebia aquilo como de fato deveríamos. E a Paraízo pra gente, a Fazenda Paraízo, e o Visconde eram figuras míticas pra gente. A Fazenda Paraízo, a gente gostava de falar: “A Paraízo tem 500 alqueires, a Fazenda Paraízo faz fronteira com todas as outras fazendas”.

**Tiago Rogero:** A Fazenda do Paraízo era a principal fazenda do Visconde do Rio Preto. Fica em Rio das Flores, no interior do Rio, bem perto da divisa com Minas Gerais.

**Anna Vianna:** Era uma coisa sempre da gente se gabar um pouco daquilo ter pertencido à família e o Visconde ser o Visconde, aquele cara bonitão de uniforme no quadro. Na época pra gente, pelo menos pra mim, na infância, não era uma coisa que significasse muito pra mim, eu não sentia aqui como uma dor, não sentia aquilo como um problema grave.

**Tina Molloy:** Eu sempre soube que ele teve escravos, o Visconde. Era uma coisa assim bem presente. Mas eu acho que um momento que me bateu, que muito me impressionou, que eu acho que eu tinha uns 10 anos e a minha mãe me levou pra Paraízo. E lá a gente teve um tour da pessoa que é uma outra família que comprou Paraízo, tipo em 1912, então não era mais a nossa fazenda.

**Tiago Rogero:** A fazenda foi vendida pra uma outra família.

**Tina Molloy:** Mas a gente teve assim um... nos mostraram a fazenda de gentileza, talvez até por ser descendente do Visconde, né? Mas eu me lembro de entrar na casa que era bem impressionante porque tinha murais em todas as paredes, tinha assim, uma muralha do Rio de Janeiro, de café. Mas a coisa que mais me impressionou é que tinha um livro. E que eu me lembro, naquela época, nunca mais vi esse livro, mas que eu me lembro naquela época que era muito grande, era escrito à mão, e tinha escrito todas as pessoas escravizadas que pertenciam ao Visconde. As famílias, sabe, quem era filho de quem. Isso realmente até com 10 anos me chocou.

**Tiago Rogero:** Era o que se chamava à época de um "livro dos escravos". Era comum em fazendas desse porte: um livro de administração da fazenda, e de administração dos escravizados, que teria tanto a relação das pessoas que eram mantidas ali em trabalho forçado; com nome, idade, especialidade, como até os vínculos familiares: quem era casado com quem, quem era filho de quem.

**Tina Molloy:** É uma coisa muito impressionante que tinha aquele catálogo de pessoas da fazenda dele. E nunca esqueci...

**Branca Vianna:** Depois eu até perguntei pra minha mãe e a minha mãe lembra de ver esse livro também.

**Tiago Rogero:** As três costumavam passar as férias numa outra fazenda da família ali perto, a Santa Luiza.

**Anna Vianna:** Mas tem algumas coisas marcantes, porque tinha um senhor, muito velhinho, muito, muito velhinho — eu não sei se ele ainda trabalhava é, na fazenda ou não. Mas ele sempre que a gente passava por ele, a cavalo ou de charrete, a pé, ele tirava o chapéu e dizia: “Bom dia, sinhazinha”. Chamava a gente de sinhazinha. Isso é uma coisa que sempre me marcou muito. E eu brincava muito com os filhos dos colonos, né?

**Tiago Rogero:** Colonos eram os trabalhadores.

**Anna Vianna:** Então era uma relação, pra mim, de brincadeira e de querer às vezes que fossem pra piscina, alguns eram permitidos de ir à piscina. Mas eu ia muito pra casa deles. Tinha a irmã de um rapaz que a mamãe até era madrinha, e a gente brincava de casinha. Eu achava superlegal porque a casinha com ela era de verdade, porque ela tinha dez irmãos, ela tinha que cozinhar pra mãe, ela tinha que dar comida pra galinha, e eu passava o dia lá, na casa dela... E aí um belo dia a minha vó, acho que se preocupou com aquilo, achou que não era legal e tal, e me proibiu de ir lá.

**Branca Vianna:** Tinha umas festas juninas incríveis porque tanto a minha avó quanto meu avô faziam aniversário em junho. Então eles faziam uma megafesta, chamavam assim o melhor sanfoneiro da região. Ia todo mundo da fazenda, acho que até de fazenda vizinhas. E eu me lembro quando eu tinha, sei lá, talvez uns 12 anos mais ou menos, eu me lembro que eu dancei numa festa junina com um desses meninos dessa família. E no dia seguinte a minha vó proibiu, me proibiu de ir na casa deles. E eu me lembro que eu achei aquilo estranho porque eu era amiga deles e tudo, mas também não liguei, entendeu? Eu falei: “Ok, tá bom”. A gente estava acostumado a obedecer a minha vó.

**Tiago Rogero:** Na época em que eu gravei essa entrevista com elas, em novembro de 2021, elas tinham acabado de tomar uma decisão.

**Branca Vianna:** Há uns meses atrás, a gente achou que seria bom fazer alguma coisa, e a gente resolveu contratar, pedir, encomendar uma pesquisa histórica a respeito do Visconde do Rio Preto.

**Tiago Rogero:** A Branca, a Tina e a Anna decidiram contratar historiadores pra fazerem uma pesquisa aprofundada sobre o Visconde e as pessoas que ele escravizou.

**Branca Vianna:** Quem era essa pessoa, quem foram as pessoas que ele escravizou, de onde veio o dinheiro dele. E essa é uma pesquisa que tá começando agora.

**Marília Ariza:** Bem, a pesquisa surgiu de uma espécie de recuperação das relações entre a história familiar delas, que são descendentes do Visconde do Rio Preto, do Domingos Custódio Guimarães, das relações da história desse personagem, que é um personagem famoso na região ali do Vale do Paraíba, com a escravidão, porque elas sentiam um incômodo no fato dessa ser uma história algo romantizada e de haver um apagamento das relações disso com a escravidão, com o passado escravista.

**Tiago Rogero:** Essa voz nova que apareceu agora é da Marília.

**Marília Ariza:** Eu me chamo Marília Ariza, eu sou historiadora, professora, pesquisadora da História da escravidão no Brasil no século XIX. Passei por diversos temas, mas tenho uma pesquisa que vem se construindo ao longo dos últimos vários anos em temas diversos da escravidão.

**Tiago Rogero:** Eu também gravei a primeira entrevista com ela lá em 2021.

**Marília Ariza:** A Branca pediu uma indicação pra uma pessoa duma pesquisadora. Assim ela chegou até a mim. Eu pedi indicações a colegas e assim eu cheguei até o Adriano.

**Adriano Novaes:** Meu nome é Adriano Novaes, sou historiador. Trabalho como pesquisador já há mais de vinte anos aqui na região do Vale do Paraíba, mais especificamente na região de Valença e Rio das Flores.

**Marília Ariza:** Quando eu recebi essa notícia, esse convite, né, soube da possibilidade, isso me pareceu muito animador em diversos sentidos. Primeiro porque era uma possibilidade de fazer pesquisa num ambiente político e econômico no qual essas possibilidades têm escasseado.

**Tiago Rogero:** Só lembrando, o presidente do Brasil nessa época ainda era o Jair Bolsonaro, que tentou promover um sucateamento generalizado da Ciência e das universidades.



**Marília Ariza:** E segundo porque era uma janela pra gente poder, mais uma vez, tentar propor um olhar crítico pra história da escravidão e pra memória da escravidão de modo a confrontar um pouco uma espécie de nostalgia imperial, nostalgia escravista que a gente tem até hoje. Nesse caso, por exemplo, que é o Visconde, as famílias tendem a olhar pra sua própria história com uma espécie de nobreza imperial, com a própria nobreza imperial, um passado nostálgico, de uma afetividade do mundo escravista. E nós somos um país com uma gigantesca dificuldade de defrontar, é, com franqueza a nossa longa história de escravização.

**Adriano Novaes:** Eu tenho uma certa familiaridade com a história do Visconde do Rio Preto, eu já tinha pesquisado sobre ele, eu já tinha tido acesso a vários documentos sobre a história dele aqui na região do Vale, aqui na região de Valença, onde foi a maior concentração de propriedades dele, né? Ele é visto ainda como um mito aqui na cidade, como o grande benfeitor, como bem-sucedido, como o grande fazendeiro de café, enfim, que produzia uma fortuna com muita tecnologia, era exportador de café. E um silêncio total sobre os escravos.

**Tiago Rogero:** A ideia de gravar essas entrevistas antes de eles começarem a pesquisa foi justamente pra fazer um registro daquele momento; por exemplo, das expectativas de cada um. O que eles esperavam conseguir disso tudo.

**Marília Ariza:** Eu acho que o nosso sonho dourado seria encontrar meios pra gente dar rosto, dar nomes pra essas pessoas que de modo geral são entendidas como uma massa um pouco indistinta de sujeitos que são aqueles que construíram as grandes fortunas escravistas na verdade. São aqueles que construíram a riqueza do Visconde.

**Adriano Novaes:** O que viabilizou essas fortunas, esses palácios que ainda sobrevivem, né, foi o trabalho escravo. Então ele tá em todo lugar, né? Pra todo lugar que a gente olha eles estão ali. Milhares de homens e mulheres e crianças, né, não tem como a gente ver, mas a gente sabe que eles estão presentes dentro daquilo que foi construído exatamente em função da exploração do trabalho deles, né?

**Tiago Rogero:** E, claro, eu perguntei também pras descendentes do Visconde quais eram as expectativas delas com a pesquisa. Por exemplo, como elas esperavam que as outras pessoas de dentro da família iam reagir.

**Branca Vianna:** A verdade é que a gente tá meio com medo de... pode ser, e a Anna acha que isso vai acontecer, que vai todo mundo dizer: “Uau, que legal, ótimo, maravilha, vamos descobrir isso tudo, vamos levantar essa informação, vamos tornar isso público, vamos descobrir se o Visconde foi comerciante de escravo, quem foram as pessoas que ele escravizou, colocar isso tudo num arquivo público pra todo mundo poder pesquisar”. E pode ser que eles digam: “Nem pensar, sabe, vocês tão querendo discutir a reputação dos nossos avós”, que não é o caso, a gente tá falando do Visconde. Mas, enfim, a gente não sabe bem como é que vai ser a reação.

**Tina Molloy:** Eu não sei o que que o resto da família vai pensar. Mas pra mim a importância de enfrentar isso agora é que a gente vê ao nível da sociedade, assim, uma enorme, chocante onda de negação, né? Que é negar o impacto da escravidão. Assim até negar o racismo, que é uma coisa assim completamente doida. Não é uma questão pra mim do passado, é uma questão de presente, que tinha esse crime assim tão gigante, que há cem anos depois a gente ainda tem a repercussão, que a gente pode traçar as famílias da região da fazenda, até o Rio de Janeiro, até as favelas.

**Branca Vianna:** Eu só conversei com uma pessoa na minha vida que vem também de uma família de escravocratas. E eu conversei com ele uma vez sobre isso. E eu falei: “Como você lida? Como você lida com isso? Você já falou sobre isso em público?” Porque é uma pessoa pública. “E caso sim, como foi? Porque eu tô, eu gostaria de fazer isso. Mas eu não sei como. Eu não sei como fazer, não sei qual é a melhor maneira de fazer, eu não sei que que minha família vai achar, eu não sei nem como eu me coloco, sabe?” Porque é uma... ai nossa, é muito desconfortável, sabe? É muito difícil, sabe, muito difícil dizer que a gente veio desse passado horrível que... enfim que, sabe, que o privilégio que a gente teve a vida inteira vem disso, sabe, vem dessas centenas, literalmente centenas de pessoas escravizadas. Você não pode se sentir confortável com um passado desses. Tá errado. Tá muito

errado. A gente tá falando de escravidão, todo mundo tem que se sentir desconfortável. Especialmente pessoas como nós.

**Tiago Rogero:** A Marília e o Adriano, os historiadores, fizeram a pesquisa. Mergulharam em documentos, livros; entrevistaram mais de 20 pessoas. Em dezembro de 2022, eles apresentaram o resultado da pesquisa pra Branca, pra Anna e pra Tina.

Em maio de 2023, eu comecei a ler os documentos e as transcrições dos depoimentos, e em junho comecei a fazer novas entrevistas, pensando numa reportagem pro Rádio Novelo Apresenta.

A gente achou que a história era grande demais pra caber num episódio só, então dividiu em duas partes. A primeira já foi. No próximo episódio, você vai ouvir os resultados da pesquisa.

**Marília Ariza:** Mas você vê que a origem da ilegalidade do patrimônio dele vem de outras circunstâncias também, porque parte dos escravizados não poderia nem ter sido vendido como escravizados em primeiro lugar, porque eram libertos.

**Tina Molloy:** Eu lembro de olhar o livro, e nesse momento realmente tomar consciência do que era o Visconde. Eu lembro que tinha os nomes de todo mundo, todos escravizados, as famílias e era tudo marcado como se fossem gado.

**Branca Vianna:** Esse livro das pessoas escravizadas da Fazenda Paraíso foi o que começou essa história inteira. Um dia eu estava conversando com a Tina, e a Tina me contou desse livro.

**Anna Vianna:** O livro, o livro!

**Adriano Novaes:** Ele existe, esse livro. É engraçado que desde criança eu ouço a história desse livro. E desde o começo poucas pessoas tinham acesso a esse livro.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Tiago Rogero, colaborador da Rádio Novelo.

E, só pra reforçar o que o Tiago já falou, essa história que ele começou a contar hoje continua no episódio da semana que vem.

Obrigada por ouvir mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Como sempre, a gente tem material extra sobre as histórias lá no site da Novelo. Essa semana, dá pra ver o retrato do Visconde do Rio Preto, e também algumas matérias que saíram na época sobre as investigações do Matheus Azevedo, lá em Ourizona.

Agora, se você quiser mandar uma sugestão de história pra gente, vai lá numa seção do site onde diz "envie uma pauta", que tá explicado direitinho como fazer.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio, a gente usou música original Stela Nesrine e Amon Medrado, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.